

A EXPERIÊNCIA DA COLETA PARA A IGREJA DE JERUSALÉM

*Pe. Anderson Costa Pereira**

Resumo: Estudo histórico-exegético-teológico sobre a experiência da “coleta dos santos” para a Igreja de Jerusalém. Este artigo tem como objetivo compreender a campanha que o *Apóstolo dos Gentios* liderou a favor da Igreja de Jerusalém, a partir dos textos paulinos e do relato dos Atos dos Apóstolos. Em primeiro lugar, apresenta-se o contexto histórico no qual se deu essa coleta, bem como o real objetivo e seu resultado. Interpretam-se as perícopes neotestamentárias que se referem a “coleta dos santos”. Utiliza-se a experiência da coleta de Jerusalém para uma fundamentação e reflexão teológica da Pastoral do Dízimo hoje. Por fim, formulam-se algumas considerações finais.

Palavras-chave: Paulo. Coleta. Pobres. Jerusalém.

Introdução

A experiência religiosa da Igreja Primitiva é marcada por forte “espírito de cooperação”, que nos ensina a realizar tarefas importantes para a expansão do Reino de Deus. Dentre diversas atividades de cooperação existentes na Igreja Primitiva, relatada no Novo Testamento, destaca-se a coleta para a Igreja de Jerusalém, conforme encontramos no livro Atos dos Apóstolos e nas cartas paulinas.

Destarte, este Artigo levanta as seguintes interrogações acerca dessa coleta: *nas primeiras comunidades cristãs, como se deu a experiência da coleta em favor da Igreja de Jerusalém? Qual foi a real motivação para essa coleta? Quais foram os seus resultados?*

* Especialista em Sagradas Escrituras pela Faculdade Claretiana e em Ciências da Religião pela Faculdade Unyleya. Padre da Diocese de Pinheiro – MA. E-mail: pereira-anderson1@hotmail.com

A partir desses questionamentos, este artigo busca fundamentos exegéticos e teológicos no livro Atos dos Apóstolos e nas cartas paulinas, que se referem à coleta, para observar a atitude de Paulo em relação à Igreja de Jerusalém, durante seu ministério.

Com este trabalho objetiva-se compreender a campanha que o Apóstolo dos Gentios liderou a favor da Igreja de Jerusalém, a partir dos escritos paulinos e do relato dos Atos dos Apóstolos. Para tanto, escolhemos fazer uma pesquisa bibliográfica sobre o assunto, consultando alguns biblistas, que sustentam calorosos debates sobre a questão.

A escolha desta temática justifica-se por dois motivos principais, a saber: Em primeiro lugar, evidenciar o cuidado de Paulo para com todas as Igrejas cristãs. Segundo, demonstrar como no Novo Testamento encontramos suficientes testemunhos de atitudes da Igreja Primitiva que corroboram que o cristão deve dar a sua contribuição material para as necessidades da comunidade e do ministério da Igreja.

1 A situação da Igreja de Jerusalém

A Igreja de Jerusalém foi à destinatária da coleta realizada pelo Apóstolo Paulo. Ele tinha um forte relacionamento com esta Igreja a tal ponto de preocupar-se com suas necessidades materiais e espirituais. Diversas visitas do Apóstolo dos Gentios a Jerusalém são relatadas nos Atos e em Gálatas.

A cidade de Jerusalém tem grande importância para o Judaísmo. Essa cidade, mencionada como fortaleza jesubita a qual Josué não conseguiu conquistá-la (cf. Js 10,3; 15,63) foi tomada e transformada pelo rei Davi como a capital de seu reino (cf. 2Sm 5,6-10), tornando-se importante centro religioso e cultural após a transferência da Arca da Aliança de Silo para a cidade (cf. 2Sm 6). Com a construção do Templo de Jerusalém, sonhado e projetado por Davi e construído por Salomão, o

culto judaico concentra-se doravante em Jerusalém.

A cidade fora destruída em 587 a.C. pelo rei babilônico Nabucodonosor, destruição esta que teve efeitos nocivos na história religiosa do povo de Israel. Após a catástrofe babilônica, o rei persa Ciro permitiu que os judeus exilados retornassem a Jerusalém (cf. Esd 1,1-11), sendo reconstruído tanto o Templo quanto a cidade. Ademais, o Templo reconstruído ultrapassou em glória e esplendor o primeiro Templo.

Jerusalém, desde o exílio, enfrentou diversas dominações imperiais, e, a partir da dominação grega com Alexandre Magno (o Grande), as condições de vida pioraram ainda mais. As pessoas estavam sendo dominadas, exploradas e escravizadas pela cultura helênica. Muitos grupos populares resistiram à dominação e buscaram uma forma alternativa de viver, como, por exemplo, os essênios.

Em 63 a.C., os romanos conseguiram dominar a Palestina quando Pompeu e sua tropa invadem e tomam Jerusalém. No tempo de Jesus e um pouco depois, as revoltas e os descontentamentos com a opressão dos romanos atingiram o auge. Em 66 d.C., quando os romanos saquearam o Templo de Jerusalém, os vários grupos, mesmo tendo posições diferentes, uniram-se para lutar contra os dominadores. Esse movimento ficou conhecido como a **Guerra Judaica**¹ (66-73 d.C.).

Nessa Guerra, o povo judeu foi derrotado pelos romanos. Jerusalém, a cidade santa, e o Templo foram destruídos mais uma vez. O Templo era uma instituição central na vida do povo, pois controlava a sua vida em todos os aspectos. Os principais grupos que participaram da Guerra, os saduceus, os essênios, os zelotas e os sicários, foram desarticulados e quase desapareceram. A Guerra desestruturou a vida dos habitantes da

1 O conflito entre judeus e romanos, ocorrido na Palestina, entre 66 e 73 d.C., é narrado por uma testemunha ocular dos fatos, Flávio Josefo (37-100 d.C.) em sua monumental obra “Guerra Judaica”.

região da Judeia e a pobreza tornou-se maior. Os judeus cristãos e os judeus fariseus não assumiram a luta até o fim, por isso conseguiram sobreviver, mas passando por inúmeras dificuldades.

Nesse contexto, Jerusalém passava por forte instabilidade civil causada pela rebelião e violência de nacionalistas judeus. Os romanos começaram a criar dificuldade aos judeus, que começaram a passar por necessidades. Paulo, certamente sendo conhecedor destes fatos propôs às comunidades que organizara para que nenhum dos seguidores de Cristo passasse dificuldade.

Após o Pentecostes cristão, a efusão do Espírito sobre a Igreja, judeus e gentios de outros lugares continuaram por algum tempo em Jerusalém para aprender mais sobre a fé cristã. Por isso era necessário os irmãos ajudarem de bom grado a custear essa prolongada estadia (cf. At 2,7-11.41-47; 4,32-37). É provável que esse fato tenha aumentado ainda mais a necessidade material resultante da instabilidade civil causada pela rebelião e violência de nacionalistas judeus. No entanto, para que nenhum dos seguidores de Cristo passasse fome (cf. At 11,28-30), provisões eram distribuídas diariamente a viúvas necessitadas (cf. At 6,1-6).

No Concílio de Jerusalém ainda depois de concordarem que Paulo se concentrasse nos gentios com a sua pregação, Pedro, Tiago e João exortaram-no a “se lembrar dos pobres”. Foi o que Paulo se esforçou a fazer (cf. Gl 2,7-10).

2 A coleta a favor dos Santos

O tema concreto da coleta liderada pelo Apóstolo Paulo em favor da Igreja de Jerusalém aparece em suas três cartas mais longas, a saber: primeira e segunda carta aos Coríntios e carta aos Romanos. Também encontramos alusão à coleta em algumas passagens dos Atos dos Apóstolos (cf. At 11,27-12,1; 24,17) e uma possível alusão em Gl 6,6-10.

No último capítulo da primeira carta de São Paulo aos Coríntios, o Apóstolo dos Gentios encerra com algumas orientações sobre a coleta realizada “a favor dos santos” (cf. 1Cor 16,1-4). Paulo também incentivou outras igrejas a realizarem essa coleta a cada domingo, para que não tenha que ser feita somente em sua presença (1Cor 16,2); se valer a pena, ele se propõe a ir com os representantes de cada igreja para levar a coleta arrecadada para Jerusalém (1Cor 16,4).

A mesma temática encontra-se nos capítulos 8 e 9 da segunda carta aos Coríntios, que também trata da coleta para os pobres na Judeia. São dois capítulos que tratam do mesmo assunto – a coleta – sem ser aparentemente ligados um ao outro. Como diferença entre ambos os capítulos, pode-se observar também que somente o capítulo 8 fala de Tito (vv. 6.16.23) e somente o capítulo 9 fala da ‘Acaia’ (v. 2).

Situando historicamente, a partir dos dados bíblicos, a coleta para os pobres de Jerusalém, podemos extrair de Fabris algumas informações:

Um segundo dado útil para escandir a atividade missionária de Paulo é a referência à coleta de fundos em favor dos pobres com a qual ele pessoalmente se comprometeu em Jerusalém no segundo encontro com as “colunas da igreja”. Paulo fala disso na epístola enviada à Igreja de Corinto e dá algumas disposições organizativas evocando tudo o que já ordenou às igrejas da Galácia (1Cor 16,1-4). Portanto, a organização da coleta na igreja de Corinto é posterior à assembleia de Jerusalém, embora Paulo fale desta iniciativa como de uma coisa já conhecida na igreja coríntia. Ela é posterior também ao anúncio do evangelho na Galácia e à coleta em favor dos pobres de Jerusalém naquelas comunidades. Os cristãos da Galácia completaram a coleta antes da crise provocada pelos missionários judeu-cristãos. De fato, Paulo, na sua epístola, menciona-a como uma coisa óbvia (Gl 2,10; cf. 6,7-10). Em seguida, fala da coleta de fundos para os pobres de Jerusalém, recorda o compromisso das Igrejas da Macedônia e da Acaia (2Cor 8,1; 9,2; 12,18; Rm 15,25)².

2 Rinaldo FABRIS. *Para ler Paulo*. São Paulo: Loyola, 1996, p.18.

Os cristãos de Corinto tinham prometido uma oferta para os cristãos pobres da Judéia. Mas estavam demorando em enviá-la. Por isso, Paulo escreveu-lhes: “Agora, portanto, levai-a a termo, de modo que à boa disposição da vossa vontade corresponda a realização segundo os vossos meios” (2Cor 8,11). Em seguida, para estimulá-los, o Apóstolo dos Gentios mencionou o exemplo dos cristãos da Macedônia (cf. 2Cor 8-9).

Esta campanha liderada por Paulo para aliviar a pobreza de Jerusalém costuma ser chamada de “coleta para os santos”, referência paulina aos judeu-cristãos, mas também Paulo chama essa campanha de “solidariedade” (*koinonia*, Rm 15,26), “serviço”, “ajuda”, “assistência” (*diakonia*, Rm 15,25.31), “dons” (*charis*, 1Cor 16,3), “generosidade” (*eulogia*, 2Cor 8,6.7.19), “coleta” (*logeia*, 1Cor 16,1), “grandes somas” (*adrotos*, 2Cor 8,20) e “serviço desta coleta” (*he diakonia tes leitourgias*, 2Cor 9,12). “E com viva insistência, nos rogaram a graça de tomar parte nesse serviço em proveito dos santos” (2Cor 8,4) Paulo usa, nesse versículo, três termos magníficos ao mesmo tempo: *charis* (graça), *koinonia* (tomar parte/participar) e *diakonia* (serviço).

3 O propósito da coleta

É difícil definir com total precisão o real propósito dessa campanha realizada por Paulo. Várias propostas são listadas pelos biblistas que sustentam diversas hipóteses, porém o motivo histórico era a penúria dos cristãos da Igreja de Jerusalém (cf. 2Cor 9,12.14; Rm 15,26-27.30-31; Gl 6,10). Diversas causas são reconhecidas para essa pobreza:

- 1) o sustento de um número cada vez maior de viúvas (At 6,1-7);
- 2) as peregrinações a Jerusalém dos idosos e dos galileus que sobrecarregavam as comunidades;
- 3) os problemas potenciais que se originavam da primeira experiência de Jerusalém com a vida

comunitária (At 4,32-5,11); 4) as privações econômicas causadas pela fome (At 11,27-30) e 5) as tensões pessoais devido às perseguições econômicas (cf. Tg 1,9; 2,6-7; 5,1-6)³.

Além desse clássico motivo histórico, outra motivação seria demonstrar a Igreja de Jerusalém que, do mesmo modo que há “um só corpo e um só Espírito, assim como é uma só a esperança, um só Senhor, uma só fé, um só batismo” (cf. Ef 4,4-6), há uma só Igreja.

A unidade da Igreja, que compreende os gentios da Diáspora e os judeus da Judeia e se alcança no Espírito que cria o corpo de Cristo (cf. 1Cor 12,4-31; Ef 2,11-22), era uma grande preocupação de Paulo. O convite de Paulo às Igrejas de doarem espontânea (cf. 1Cor 16,1; 2Cor 8,3.8.11-12; 9,1-5) e generosamente (cf. 2Cor 8,2-4; 9,6-15) revela a demonstração de unidade e solicitude para com a Igreja-mãe de quem receberam uma herança espiritual, conforme Romanos 15,27: “Porque se as nações participaram dos seus bens espirituais, devem, por sua vez, servi-los nas coisas temporais” (2Cor 9,14) e, por isso, estavam “em dívida” para com a Igreja de Jerusalém. Eis um verdadeiro propósito socioteológico para essa coleta.

Percebemos, assim, que o propósito paulino para a coleta era estabelecer uma relação igualitária de reciprocidade e ajuda mútua entre as comunidades, “pois no futuro, quando os cristãos de Jerusalém talvez tivessem mais recursos financeiros do que as Igrejas paulinas, eles reembolsariam” (SAMPLEY, 2008, p. 449). É o que se conclui de 2Cor 8,14: “No presente momento, o que para vós sobeja suprirá a carência deles, a fim de que o supérfluo deles venha um dia a suprir a vossa carência. Assim haverá igualdade”.

Alhures, a palavra “irmãos” é a nota tônica dos capítulos 8 e 9 da segunda carta aos Coríntios. O amor fraternal entre os

3 Gerald F. HAWTHORNE (org.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Loyola, 2008, p.244.

cristãos é a verdadeira motivação para doar e compartilhar. Essa justificativa de unidade da Igreja dava a Paulo um fundamento teológico para a coleta. “A razão teológica para a igualdade dos primeiros cristãos era a sua relação com Deus: todos eram considerados igualmente próximos de Deus”⁴.

Podemos estabelecer um paralelo entre uma justificativa e outra. A liberalidade das igrejas macedônicas e a consequente demonstração de unidade foram exercidas a despeito da “profunda pobreza” dessas comunidades, e isso testifica o amor de Deus operando no coração delas (cf. Rm 5,5).

A inspiração maior para a coleta é a dádiva de Cristo: “Com efeito, conheceis a generosidade de nosso Senhor Jesus Cristo, que por causa de vós se fez pobre, embora fosse rico, para vos enriquecer com a sua pobreza” (2Cor 8,9). É importante notar nesse versículo a motivação de comportamentos cristãos seguindo o exemplo de Cristo. Ademais, esta é uma característica da moral paulina.

As tribulações e a pobreza das Igrejas gentílicas não foram desculpas para não contribuir com a Igreja de Jerusalém. As Igrejas da Macedônia deram “Em meio às múltiplas tribulações que as puseram à prova, sua copiosa alegria e sua pobreza extrema transbordaram em tesouros de liberalidade” (2Cor 8,2). A contribuição daqueles cristãos pode ser comparada à oferta da viúva pobre, imagem do Cristo que doa tudo o que tem (cf. Mc 12,44).

Através da liberalidade das igrejas macedônicas Paulo quer mostrar que doar é graça: “Irmãos nós vos damos a conhecer a graça que Deus concedeu às igrejas da Macedônia” (2Cor 8,1). O termo grego *charis* (normalmente traduzido por “graça”) ocorre seis vezes nestes dois capítulos sobre a coleta (cf. 2Cor 8,1.4.6.9.19; 9,14).

4 J. Paul SAMPLEY. *Paulo no mundo Greco-romano*. São Paulo: Paulus, 2008, p.450.

Outra razão para a coleta que poderia ser listada inclui o significado escatológico desse acontecimento: “Paulo entendia que, de certo modo, a coleta simbolizava a reunião escatológica dos gentios com o povo de Deus”⁵. Esta coleta foi um verdadeiro ato de consagração pessoal. Aqueles cristãos “deram-se primeiramente ao Senhor, depois a nós pela vontade de Deus”, escreveu o apóstolo Paulo (cf. 2Cor 8,5).

3 O resultado da coleta

Não encontramos nem no livro dos Atos dos Apóstolos nem nas cartas paulinas uma descrição do resultado da coleta oferecida aos pobres de Jerusalém. Ademais, nas cartas pós paulinas também não há alguma menção a essa coleta.

Atos 21,17-26 fala que a Igreja os “acolheu com alegria”. Esse versículo possa ser que nos revele algo sobre o resultado da coleta. Entretanto, alguns biblistas insistem em afirmar que a coleta não atingiu seus objetivos. Há quem afirme que com muita probabilidade os cristãos de Jerusalém rejeitaram a ajuda financeira a eles oferecida.

Em Rm 15,31 possa ser que Paulo esteja receando um desastroso resultado da coleta. Ele escreve pedindo orações aos cristãos de Roma “a fim de que possa escapar das mãos dos incrédulos da Judeia, e para que o meu serviço em favor de Jerusalém seja bem aceito pelos santos” (Rm 15,31). Embora os “santos” recebessem a ajuda com profunda gratidão, Paulo talvez se preocupasse com a perturbação que a sua chegada poderia causar entre os judeus em geral.

Sampley pontua duas possíveis razões para a rejeição da coleta:

5 Gerald F. HAWTHORNE (org.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. p.714.

Em primeiro lugar, a rejeição da oferta de dinheiro pelos cristãos de Jerusalém era motivada teologicamente. Desde o tempo do concílio apostólico (Gl 2,3.5-9), o antagonismo tinha começado a deteriorar o relacionamento entre o apóstolo dos gentios e os cristãos de Jerusalém. Na situação explosiva da Palestina antes da Guerra Judaica, os judeus cristãos da Judeia sentiram-se cada vez mais pressionados pelos seus vizinhos judeus a provar sua identidade judaica, especialmente na sua obediência à Torá. Nessa situação, um evangelho livre da Lei era cada vez mais inadequado ao momento e tornou-se mais recomendável para os cristãos de Jerusalém começar a distanciar-se de Paulo e de suas comunidades⁶.

Uma segunda razão para a rejeição da coleta é, segundo este autor, bastante plausível:

Aceitando o apoio, a Igreja de Jerusalém correria o risco de tornar-se recebedora de caridade, de tornar-se cliente das comunidades paulinas economicamente mais fortes da Macedônia e da Acaia. A simetria - o *status* de iguais outrora estabelecido no concílio de Jerusalém (Gl 2) - estaria perdida. Conscientemente ou subconscientemente, a igreja de Jerusalém evitou essa relação patrono-cliente ao rejeitar a oferta das igrejas paulinas⁷.

Segundo os biblistas,

Os santos continuaram pobres, apesar do ato de caridade; a tensão entre judeu-cristãos e cristãos gentios continuou e a conversão de Israel jamais aconteceu. A presença dos gentios que ajudaram na coleta foi à razão principal da prisão de Paulo (At 21,29). Embora devamos argumentar que Israel não se converteu, devemos também dizer que não está de todo claro se Paulo considerava a conversão de Israel motivação importante para a coleta⁸.

6 *Ibidem*, p.449.

7 *Ibidem*, p.449-450.

8 Gerald F. HAWTHORNE (org.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. p.244.

Ademais, não há total certeza se Paulo tinha a pretensão de eliminar todos os sinais de pobreza somente através dessa coleta - o que seria impossível, apesar de que em 2Cor 8,20 encontramos a expressão “grande quantia”, o que sugere que a soma da coleta deve ter sido bastante considerável, o que demandou bastante tempo para ser concluída (cf. 2Cor 9,2). De acordo com 2Cor 8,10 a coleta levou no mínimo um ano para se finalizar e envolveu algumas igrejas, tais como: Macedônia e Acaia (Rm 15,26; 2Cor 9,2) e Galácia (1Cor 16,1) e talvez até a Ásia (cf. At 20,4). Talvez Paulo fosse bastante realista sobre a inviabilidade de sanar a pobreza da Igreja de Jerusalém somente com a coleta. Entretanto, apesar dessa forte tensão entre as igrejas judaicas e gentílicas, não se pode eliminar todas as possibilidades de algum bom resultado que essa coleta possa ter comunicado.

É preciso considerar que de acordo com 2Cor 8,3 as ofertas foram proporcionais aos recursos de cada um. Os macedônios deram “segundo os seus meios e para além dos seus meios” (cf. Dt 16,17) e também de forma espontânea. Paulo mesmo fez a ressalva: “Não digo isto para vos impor uma ordem” (2Cor 8,8).

Vale ressaltar ainda que não encontramos no Novo Testamento nenhuma indicação de quando houve a entrega da contribuição, nem de quem iria acompanhar a delegação escolhida por aqueles que haviam feito à coleta para entregá-la em Jerusalém. Possa ser que o texto de Atos 20,4 seja uma referência a esta delegação que entregou a contribuição. Aqui Tito desempenha importante papel, sendo ele enviado por Paulo, junto com outro auxiliar, para ajudar na arrecadação e administração da coleta (cf. 2Cor 8,16-24).

4 As lições da coleta de Jerusalém

O Apóstolo dos Gentios ensinou à Igreja que contribuir é, sobretudo, um ato de graça. Ele usou sete palavras diferentes

para referir-se a coleta, porém o termo empregado com mais frequência é graça (*charis*). Nos dois capítulos da segunda carta de Paulo aos Coríntios ele utiliza, como já dissemos, a palavra grega *charis* seis vezes em relação ao ato de contribuir. A graça de Deus abre tanto nosso coração quanto as nossas mãos. Outrossim, o tema da graça se encontra em todas as cartas paulinas.

Desde o primeiro século os cristãos socorrem as necessidades financeiras da Igreja. Chama-nos atenção à atitude de Paulo que para encorajar os cristãos de Corinto a crescer na graça da contribuição, cita o exemplo dos macedônios que, apesar de se encontrarem em profunda pobreza, não deixaram de contribuir. É preciso ter uma disposição voluntária de dar além do esperado. Geralmente os que mais contribuem não são os que mais têm posses, mas os que mais amam e os que mais confiam no Senhor.

Com a experiência da coleta de Jerusalém aprendemos que cada um, na proporção daquilo que recebeu, é responsável por colaborar com a missão da Igreja. Alguns com muito, outros com pouco, mas todos somos responsáveis pela autossustentação da Igreja. A conscientização cristã do Dízimo nos dá o cuidado de buscar os meios materiais para a manutenção dos serviços de que a comunidade necessita.

Os macedônios não deram apenas uma prova de sua generosidade e comunhão, doaram-se a eles próprios, como oferta viva a Deus. Está escrito em 1Jo 3,16: “Nisto conhecemos o Amor: ele deu sua vida por nós. E nós também devemos dar nossa vida pelos irmãos”. A verdadeira generosidade só existe quando há entrega do próprio eu. Precisamos não apenas investir dinheiro, mas também doar nossa própria vida.

Paulo também nos ensina que devemos contribuir não por constrangimento, mas espontaneamente; não com tristeza, mas

com alegria, “porque Deus ama a quem dá com alegria” (2Cor 9,7). A motivação da generosidade da contribuição é o Amor a Deus e ao próximo, partilhando com alegria. Esse texto é acompanhado de uma grande promessa que Deus nos faz: “Deus pode cumular-vos de toda espécie de graças, para que tenhais sempre e em tudo o necessário e vos fique algo de excedente para toda obra boa” (2Cor 9,8). Isto não justifica a equivocada Teologia da Prosperidade. Deus não promete riquezas materiais a todo dizimista. O que Ele quer é que sejamos participantes da “insondável riqueza de Cristo” (Ef 3,8).

Por fim, a experiência dessa coleta nos ensina que nossa contribuição é resultado do exemplo que Cristo nos deixou (cf. 2Cor 8,9). Cristo foi o maior exemplo de generosidade. Ele esvaziou-se, deixando as glórias do céu para se fazer carne e habitar entre nós (cf. Jo 1,14). Se Ele nos deu tudo por nós (cf. Jo 3,16), devemos fazer de igual modo, oferecendo nossas vidas e nossos bens numa expressão de altruísmo e abnegação. O Papa Francisco, desenvolvendo uma “Teologia da Pobreza” afirma que “A pobreza está no centro do Evangelho. Se tirarmos a pobreza do Evangelho, nada se entenderia da mensagem de Jesus⁹”, disse o Papa. “A Igreja de Jerusalém, por exemplo, é pobre, está em dificuldade econômica, mas é rica porque tem o tesouro do anúncio evangélico. E esta Igreja de Jerusalém, pobre, enriqueceu a Igreja de Corinto com o anúncio evangélico”, afirmou o Papa.

Considerações finais

Com esses dados, conclui-se que a coleta para os santos de Jerusalém seja a melhor resposta de Paulo ao pedido de “lembrar-se dos pobres” (cf. Gl 2,10), apesar de que não se há

9 MARÇAL, Jéssica. *Papa: pobreza cristã não é ideologia, é centro do Evangelho*. Disponível em: <<https://noticias.cancaonova.com/mundo/papa-pobreza-crista-nao-e-ideologia-e-centro-do-evangelho/>>. Acesso em: 20/out/2018.

clareza que o termo técnico “pobre” fosse uma referência direta para os cristãos da Igreja de Jerusalém. Ele entendia isso como um pedido e não como uma imposição. O Apóstolo certamente não se esqueceu dos pobres.

Do livro dos Atos e das cartas paulinas se conclui a amplitude dessa campanha. A coleta tinha vários propósitos. Antes de tudo era um ato de amor e de bondade em plena harmonia com os ensinamentos de Jesus (cf. Mt 5,42; 6,2), que servia para reforçar os laços de unidade entre judeus e gentios na Igreja Primitiva. A coleta ajudava a comprovar que o Corpo de Cristo era um só. Ninguém podia dizer ao outro “não preciso de ti”, análogo ao corpo que não pode dizer isso aos seus membros, nem os membros dizer isso um ao outro (cf. 1Cor 12,14-26).

Portanto, a experiência da coleta para a Igreja de Jerusalém é um grande ensino sobre o Dízimo. Este só tem sentido quando expressa gratidão e unidade e traz no seu bojo a certeza de que a necessidade da comunidade será sempre maior do que a necessidade particular de cada um. Sem dúvida, a prática da caridade supera todo egoísmo humano, pois coloco meu irmão necessitado em condições de ter. Por isso afirmamos que Dízimo é partilha, partilhar não é dar o que nos sobra, mas é dar o que o outro precisa. É o que nos ensina as Sagradas Escrituras.

Referências bibliográficas

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

FABRIS, Rinaldo. *Para ler Paulo*. São Paulo: Loyola, 1996.

HAWTHORNE, Gerald F. (org.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Loyola, 2008.

MARÇAL, Jéssica. *Papa: pobreza cristã não é ideologia, é centro do Evangelho*. Disponível em: <<https://noticias.cancaonova.com/mundo/papa-pobreza-crista-nao-e-ideologia-e-centro-do-evangelho/>>. Acesso em: 20/out/2018.

SAMPLEY, J. Paul. *Paulo no mundo Greco-romano*. São Paulo: Paulus, 2008.